

O LULISMO SEM LULA?: OS CAMINHOS QUE LEVAM A UMA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Monalisa Soares Lopes¹

RESUMO

Este artigo visa reconstituir os percursos na construção da pré-candidatura de Dilma Rousseff ao longo do segundo mandato de Luiz Inácio Lula da Silva. As análises eleitorais, em geral, se debruçam sobre os contextos eleitorais propriamente ditos, os quais juridicamente definidos. No entanto, considerando as pretensões de continuidades dos grupos no poder, observamos que os movimentos para construção de candidaturas inicia-se ainda no curso do mandato, especialmente nos casos em que a reeleição não é mais possível. Considerando o ciclo político petista como exemplar desse movimento, a nível nacional, retomo os eventos do segundo mandato de Lula para indicar como ocorreu o delineamento da candidatura de Dilma Rousseff e sua ascensão como herdeira do lulismo.

Palavras-chave: História Política; Dilma Rousseff; Lula e o Lulismo

ABSTRACT

This paper aims to rebuild the paths into the construction of Dilma Rousseff's pre-candidacy over the second mandate of Luiz Inácio Lula da Silva. The electoral analysis, generally, works focused on electoral times which are legally defined. However, considering the pretensions of groups in power, we observe that the movement of construction of candidacies begins in the moment of a previous government, specially in cases which the reelection is not further possible. Considering the political cycle of PT as an example of this movement, in Brazil context, I take the events of the second mandate of Lula to indicate how happened the drawing of Dilma Rousseff's candidacy e her rising as Lula's heir.

Keywords: Political History; Dilma Rousseff; Lula and Lulism

Recebido em 08/03/2019

Aprovado em 06/05/2019

O enredo das eleições 2010 começou a ser delineado ainda em meados do segundo governo de Lula. No ano de 2008, o governo encontrava-se numa situação econômica bastante favorável. Esse contexto contribuiu fortemente para o desenvolvimento de um conjunto de ações

¹ Universidade Federal do Ceará. E-mail: monalisasoares@ufc.br

que concorriam para a alta aprovação do governo. Dentre as realizações destacavam-se os avanços na distribuição de renda no país. Fortalecia as condições favoráveis ao governo a política de recomposição do salário mínimo acima da inflação, que chegou a atingir “[...] 26,879 milhões de trabalhadores (dados de 2008) e 18,425 milhões de aposentados e pensionistas” (BRASIL, 2008).²

Essas realizações configurariam o centro do projeto político do lulismo, nas palavras de Singer³. Para o autor, este se caracterizou pelo avanço de Lula em bases sociais que não haviam sido seus eleitores nas disputas anteriores a 2006 (1989, 1994, 1998 e 2002). Esse progresso teria sido possível após os diversos sucessos econômicos e das políticas sociais do governo. O argumento do autor constrói-se a partir da observação de que os ganhos em apoio foram mais significativos nos estratos sociais de baixíssima e baixa renda.⁴ Baseado na noção de realinhamento eleitoral, Singer argumenta que o lulismo é “[...] a execução de um projeto político de redistribuição de renda focado no setor mais pobre da população, mas sem ameaça de ruptura da ordem⁵.

O sucesso das ações executadas pelos governos de Lula ficou evidenciado nas pesquisas de opinião pública de avaliação da gestão. Entre 2008 e 2010, a avaliação do desempenho de Lula no governo variou de 55% (ótimo ou bom) em março de 2008 a 73% (ótimo ou bom) em março de 2010, segundo dados do Instituto Datafolha (2010). Essas altas taxas de aprovação convergiam para a ampliação do capital político de Lula, tanto que nas eleições 2008, para as prefeituras de municípios e capitais, ocorreram inúmeras disputas em torno do uso da imagem de Lula pelos candidatos.⁶

Dispondo de vasto capital político, com ampla confiança do eleitorado, Lula avançou no processo de escolha da liderança que lhe sucederia em defesa de seu legado na disputa eleitoral de 2010. É em meio a essa conjuntura que Dilma Rousseff ganha visibilidade e destaque na trama política aqui analisada.

1. Prenúncios de uma candidatura

Dilma Rousseff compunha a equipe de Lula desde o período de formulação do programa de governo, passando pelo período de transição com o governo FHC e assumindo, no primeiro mandato, o Ministério de Minas e Energia. Já na ocasião de sua posse, o presidente

2 Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/eleicoes-2010/alcance-dos-programas-de-recomposicao-do-salario-minimo-bolsa-familia-reforca-maxima-uma-pessoa-um-voto-4989505>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

3 SINGER, André. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

4 Segundo o autor (2012), baixíssima renda é menos de dois salários e baixa renda entre dois e cinco salários

5 Entrevista concedida à Revista Época, em 14 de fevereiro de 2010.

6 Ver notícia intitulada “Horário eleitoral acirra disputa entre candidatos pelo uso da imagem de Lula”, disponível no link: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2008/horario-eleitoral-acirra-disputa-entre-candidatos-pelo-uso-da-imagem-de-lula-b5858dmht2tbsu71ojcvdpv7y>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

destacou a capacidade técnica de Dilma e sua coragem de avançar para espaços não reconhecidos como de atuação profissional das mulheres:

Quero, sobretudo, Dilma, te agradecer, porque no Brasil não era habitual imaginar uma mulher no Ministério de Minas e Energia. Era habitual assim: mulher vai cuidar de ação social, mulher vai cuidar de algumas tarefas que o homem não gosta muito de fazer. Pois bem, eu tive o prazer de conhecer a Dilma, não porque ela foi secretária do Governo Olívio Dutra, porque quando eu ia lá não a via... Mas numa reunião com o Tolmasquim [Maurício Tolmasquim, especialista em energia], do Pinguelli Rosa [Luiz Pinguelli Rosa, professor do Coppe/UFRJ] e de um monte de gente que me ajudava a produzir o programa energético para o Brasil, *eis que um dia chega uma gaúcha com jeito de mineira, com esse rosto delicado*, com um computador embaixo do braço e *começou a falar mais forte que os homens*. Depois de duas reuniões, eu falei: ‘Taí! Achei minha ministra de Minas e Energia’ Eu quero, Dilma, te agradecer. Agradecer porque eu acho que *você significa, para as mulheres brasileiras, a definição de que as mulheres podem ir muito mais longe*, em qualquer atividade que elas quiserem se meter. Somente, enquanto eu for presidente, por favor, não queiram ser⁷.

Já no início do governo Lula, em 2003, Dilma Rousseff ficou encarregada da formulação e coordenação do Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica, que ganhou visibilidade através do Programa Luz para Todos. O objetivo central desse programa constituía em “[...] propiciar o atendimento em energia elétrica à parcela da população do meio rural que não possui acesso a esse serviço público”⁸. No evento de lançamento do Programa, em novembro de 2003, o presidente Lula enfatizou a agilidade, competência e compromisso da ministra de Minas e Energia:

Por isso eu quero, companheira Dilma Rousseff, do fundo do coração, agradecer a rapidez com que você, junto com a sua equipe, [...], elaborou esse projeto. E a rapidez com que você apresentou esse projeto para começar a ser executado. Isso demonstra claramente que, no Brasil, nós temos falta de muita coisa: nós temos falta de dinheiro, nós temos falta de infraestrutura, mas o que não pode ter, em nenhum político, é a falta de disposição política de fazer as coisas. E você foi encontrar o dinheiro, que nem eu sabia que tinha, para dizer: ‘Nós temos o dinheiro, e vamos gastá-lo levando luz à casa de quem não tem luz’⁹.

Nesse discurso e em outros proferidos nas demais atividades relacionadas ao Programa Luz para Todos, como a assinatura de contratos, o presidente delineou essa imagem de Dilma Rousseff como uma gestora competente, sensível e de vontade política para realizar ações que

7 KAMEL, Ali. Dicionário Lula: Um presidente exposto por suas próprias palavras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 672, p. 245-246, grifo nosso.

8 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4873.htm#art1§1>. Acesso em: 15 mai. 2015.

9 KAMEL, op.cit. p. 246.

contribuíssem para a transformação da vida das pessoas mais simples, e, conseqüentemente, do país. Apesar de ainda discreta, a participação da ministra no governo já estava sob a atenção do presidente.

A ascensão da então ministra de Minas e Energia ao círculo próximo do presidente Lula ocorreu em junho de 2005, após a saída do ministro José Dirceu da chefia da Casa Civil¹⁰.

Ao tomar posse no ministério da Casa Civil, Dilma enfatizou que sua atuação teria uma dimensão política, e não apenas técnica: "É política no sentido mais nobre, o da capacidade de realizar um projeto nacional de desenvolvimento sustentado, de inclusão da população brasileira no desenvolvimento".¹¹ Na ocasião bastante delicada, Lula não discursou, afinal José Dirceu estava no centro do escândalo do Mensalão e qualquer palavra elogiosa ao seu respeito seria entendida como cumplicidade.

Entretanto, ao longo da atuação de Dilma como ministra da Casa Civil, Lula destacou a ênfase na dimensão gerencial: "A ministra Dilma, em nome da Presidência, vira uma espécie de, como é que se fala, gerente do conjunto dos projetos que nós estamos fazendo. Na verdade, é o seguinte: se não tiver alguém gerenciando, para cobrar todos os dias, a coisa não anda"¹². O presidente destacava ainda o empenho e capacidade executora da ministra: "Dilma é daquelas pessoas que quando a gente dá uma tarefa para ela, saiam da frente, porque ela não descansa enquanto não faz"¹³.

O processo eleitoral de 2006, no qual Lula concorria à reeleição, foi marcado pela insistente interpelação dos demais candidatos¹⁴ ao presidente para que este explicasse os casos de corrupção que envolviam membros importantes de seu partido (Partido dos Trabalhadores - PT) e do governo.

O primeiro turno das eleições 2006 foi marcado pelo debate em torno das denúncias de corrupção contra o governo Lula, e o embate entre projetos políticos distintos ocorreu no segundo turno do pleito quando Lula retomou o tema das privatizações enquadrando, assim, o candidato da oposição, Geraldo Alckmin (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB).

10 José Dirceu saiu da chefia da Casa Civil em meio às denúncias de corrupção no escândalo do Mensalão. Segundo denúncias feitas pelo então deputado Roberto Jefferson (PTB), o governo Lula pagaria valores mensais aos deputados da base aliada para que eles votassem favoravelmente aos projetos do executivo, e José Dirceu era o coordenador do esquema. As denúncias do Mensalão levaram o então Ministro-Chefe da Casa Civil, José Dirceu, a responder processo por decoro parlamentar, tendo seu mandato cassado em votação iniciada em 30/11/2005. No julgamento do processo no Supremo Tribunal Federal, em agosto de 2013, José Dirceu (PT) foi condenado à pena de 10 anos e 10 meses e multa de R\$ 676 mil.

11 Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/valor/2005/06/21/ult1913u31877.jhtm>>. Acesso em: 09 mai. 2015.

12 KAMEL, op.cit., p. 247.

13 Ibid. p. 246

14 Além de Lula, o processo eleitoral contou com a participação de outros 7 candidatos: Geraldo Alckmin (PSDB), Heloísa Helena (PSOL), Cristovam Buarque (PDT), Ana Maria Rangel (PRP), José Maria Eymael (PSDC), Luciano Bivar (PSL) e Rui Costa Pimenta (PCO). Dentre os opositores, os mais destacados ao longo do primeiro turno e os que mais questionaram Lula foram: Geraldo Alckmin, Heloísa Helena e Cristovam Buarque. Cabe ressaltar que os dois últimos eram ex-petistas e deixaram o partido ao longo do primeiro governo de Lula.

Análises sobre as eleições 2006 destacam que mais do que as acusações de que o opositor representava o projeto de privatização, foi o desempenho do governo na “[...] queda na desigualdade e os ganhos de renda dos setores mais pobres”¹⁵ que contribuiu significativamente para a segunda vitória eleitoral de Lula. Destaca-se, desse modo, que o bom desempenho da economia do país esteve diretamente associado ao sucesso nas eleições.

Com a reeleição de Lula, Dilma Rousseff ganhou cada vez mais espaço, sobretudo pelo reconhecimento de seu trabalho pelo presidente. Em entrevista dada no ano seguinte após a reeleição, Lula afirmou que havia se surpreendido positivamente com a atuação da ministra: “Dilma é a grande surpresa. A Dilma Rousseff, eu estou convencido de que é um dos quadros mais extraordinários que este país tem como gerente”¹⁶.

Desde o início do segundo mandato, em 2007, Dilma viajava pelo país para apresentar, fiscalizar e inaugurar obras do programa que se constituía como a *menina dos olhos*¹⁷ do governo: o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), pois a coordenação do programa estava sob responsabilidade da chefia da Casa Civil. A ministra estava, portanto, no centro da gestão, afinal o PAC era o maior plano de investimentos da gestão, em torno de 500 bilhões de reais¹⁸ a serem executados ao longo dos quatro anos do segundo mandato de Lula.

O PAC era apresentado pelo presidente, em seus discursos, como o maior programa de desenvolvimento executado no Brasil, o qual se caracterizava não por ser um projeto de governo, mas a tentativa de atender às necessidades do Brasil identificadas em seu primeiro mandato. A parceria com os gestores estaduais e municipais, aliados ou opositores, era evidenciada como fundamental para a realização do projeto, nas palavras de Lula.

O PAC não é um projeto do presidente, o PAC não é o projeto do governo, o PAC é apenas o atendimento das necessidades do Brasil que nós descobrimos, em função das demandas dos próprios governadores de estados, durante o primeiro mandato. O PAC é a demonstração do jeito republicano de governar, ou seja, todos os governadores, independente do partido político, todos os prefeitos, independentemente do partido político, todos estão aquinhoados com uma fatia do dinheiro do PAC, porque nós pensamos, definitivamente, que esse é o momento do Brasil¹⁹.

15 CARRARO, A.; FRANCISCO DE ARAÚJO JUNIOR, A.; DAMÉ, O. M.; MONASTERIO, L. M. & SHIKIDA, C. D. 2007. É a economia, companheiro: uma análise empírica da reeleição de Lula com base em dados municipais. Ibme MG Working Paper, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.ceae.ibmecmg.br/wp/wp41.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

16 KAMEL, op.cit., p. 247.

17 Menina dos olhos é uma expressão popular para designar algo que possui prestígio, que é especial.

18 Ver “PAC prevê investimentos de R\$500 bilhões até 2010”. Disponível em: [http://www.ine.sc.org.br/noticias-noticias-gerais/2007/janeiro-2007/pac-preve-investimentos-de-r-500-bilhoes-ate-2010](http://www.ine.sc.org.br/noticias/noticias-gerais/2007/janeiro-2007/pac-preve-investimentos-de-r-500-bilhoes-ate-2010)>. Acesso em: 10 mai. 2015.

19 KAMEL, op.cit, 501, 502.

A designação para coordenar o maior programa de desenvolvimento formulado pelo governo, o PAC, e a enfática participação na tomada de decisão sobre aspectos gerenciais das políticas públicas desenvolvidas pelo governo, era um indicativo de que a ministra Dilma Rousseff estava assumindo uma posição de centralidade no processo que envolveria a escolha de quem sucederia a Lula, na disputa eleitoral de 2010, na defesa de seu legado.

É importante ressaltar porque coordenar o PAC situava Dilma nesse lugar de relevância. Nas palavras de Motta, analisando a conjuntura política em meados do governo,

O PAC – Programa de Aceleração do Crescimento – não é apenas um programa de desenvolvimento; é a cartada decisiva de marketing do segundo governo Lula. Se der certo e o país crescer perto de 5% este ano e nos próximos, Lula termina os oito anos como grande estadista e reelege o sucessor, seja ele de que partido for. Se não der, o governo do PT esgota o seu crédito eleitoral e terá dificuldades para permanecer no poder. [...] O lançamento pomposo do PAC, com mobilização de governadores, foi uma ação estratégica: visou a marcar a diferença do segundo governo Lula em relação ao primeiro mandato. Nesse sentido, foi o marco de um novo momento, uma guinada político-institucional do governo.²⁰

Pode-se entender o PAC, portanto, como uma tentativa de construção de uma imagem marca do governo de Lula. Caso o programa tivesse sucesso, isso demarcaria uma singularidade que identificaria um modo petista de governar. Essa perspectiva de gestão estaria, nas palavras de Lula, relacionada à “[...] retomada do potencial de planejamento e de grandes obras” que marcou momentos áureos da história política brasileira. Ainda de acordo com Motta, o PAC representaria a busca por

Marcar uma diferença, criar uma imagem nova que signifique uma diferença com outros e com o mandato anterior. Se no primeiro governo Lula as ações estiveram prioritariamente voltadas para o segmento dos excluídos, agora Lula parece querer envolver a nação inteira, criar uma nova marca, reforçar sua figura de estadista. Parece que as ações agora visam à nação inteira, não apenas a um segmento dela. Lula antes repetia que governava para os excluídos, segmentou suas ações para este contingente de necessitados. Agora, Lula parece ter mudado de rumo. Está buscando uma nova marca²¹.

A noção de que era possível promover o desenvolvimento econômico e social do país num movimento sincronizado foi o argumento fundante das ações políticas no segundo mandato de Lula. Pelo lugar estratégico que o PAC assumiu na execução do projeto político, fica evidenciada

20 MOTTA, Luiz Gonzaga. 2007. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/pac-a-marca-do-segundo-mandato-de-lula/>>. Acesso em: 13 mai. 2015.

21 Ibid.

sua significância na produção de imagens e discursos sobre o legado do lulismo. Nesse sentido, o programa teria, evidentemente, impacto no processo eleitoral de 2010.

O processo sucessório interno ao projeto político lulista foi sendo delineado de modo tácito. Com a queda, ainda no primeiro mandato, dos principais ministros e lideranças do Partido dos Trabalhadores (PT), com destaque para José Dirceu, José Genoíno e Antonio Palocci, ocorreu a ascensão de novas lideranças petistas, que constituíram um novo núcleo de poder no segundo mandato. Nesse grupo figuravam: Dilma Rousseff, Guido Mantega (Ministério da Fazenda) e Tarso Genro (Ministério da Educação).

Considerando o enorme desgaste sofrido pela sigla, em decorrência dos sucessivos escândalos de corrupção²², o Partido dos Trabalhadores não jogava holofotes sob nenhum provável sucessor de Lula para a disputa presidencial que ocorreria em 2010. No âmbito da oposição (PSDB), os nomes de destaque eram Aécio Neves e José Serra que tinham sido eleitos governadores de Minas Gerais e São Paulo, respectivamente, sendo esses estados os maiores colégios eleitorais do país.

A estratégia petista de não adiantar o debate eleitoral não se expressou nos movimentos do presidente Lula. Ainda em março de 2007, Lula fez um pronunciamento que deu a partida para as movimentações do jogo pré-eleitoral.

Foi no dia 7 de março de 2008, durante a assinatura da ordem de serviço para obras do PAC na comunidade do Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro, que Dilma Rousseff recebeu do então presidente Lula o epíteto de “mãe do PAC”. Disse o presidente: “A Dilma é uma espécie de mãe do PAC; é ela que cuida, é ela que acompanha, é ela que vai cobrar junto com o Márcio Fontes [então ministro das Cidades] se as obras estão andando ou não estão andando”²³.

Com essa afirmação, o presidente apresentou publicamente a possibilidade de que a então ministra, identificada com a dimensão técnico-gerencial do governo, viesse a assumir a tarefa de representar eleitoralmente a continuidade do ciclo político do PT no Executivo Federal. A referida cerimônia do PAC, no Rio de Janeiro, foi o cenário inaugural da apresentação de Dilma Rousseff ao público; estava, pois, iniciado o processo de construção da sua imagem para a campanha eleitoral de 2010.

Cabe destacar que nesse período a oposição estava bem articulada no Congresso Nacional, tendo imposto, inclusive, uma derrota eloquente ao governo, com a rejeição da Proposta

22 “Somados ao caso do ‘Mensalão’, outros dois acontecimentos provocaram embaraço e intensificaram questionamentos acerca da ética petista, a saber: 1) o caso dos dólares na cueca, protagonizado por José Adalberto Vieira, na época, assessor do deputado estadual José Guimarães (PT-CE), no qual o assessor foi preso ao tentar embarcar de São Paulo para Fortaleza com os valores de R\$ 200 mil numa mala e US\$ 100 mil escondidos na cueca; e 2) a CPI dos Bingos, na qual a principal figura foi Antônio Palocci, então Ministro da Fazenda.” (SOARES, 2011, p. 61).

23 KAMEL, op.cit., p. 247.

de Emenda à Constituição (PEC) 89/2007, que tinha por objetivo prorrogar até o ano de 2011 a cobrança da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF), que subsidiava os gastos com saúde. Atentos aos movimentos do presidente Lula para a construção da visibilidade de sua sucessora, os líderes da oposição também traçaram estratégias com vistas a aplacar a promoção da ministra Dilma Rousseff.

A ocasião propícia para a tentativa de desconstrução da imagem de Dilma Rousseff pela oposição ocorreu em 2008, um ano após o anúncio de Lula sobre a mãe do PAC. No início do ano (janeiro de 2008), foi divulgada na mídia uma denúncia sobre gastos abusivos e irregulares de alguns ministros com o cartão corporativo do governo federal.²⁴ Foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) a fim de investigar possíveis desvios de recursos públicos pelos ministros de Estado.

Em meio às investigações da CPI, a Revista Veja, na sua edição 2053 de 26 de março de 2008, trouxe à tona a matéria intitulada “Um dossiê feito para chantagear”. A reportagem afirmava que o governo federal usou de informações sigilosas sobre os gastos dos cartões corporativos no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso. A reportagem chama a ação dos funcionários do governo de “Armação Oficial”, e afirma que

Elaborado dentro do Palácio do Planalto, [o dossiê] detalha gastos pessoais da família presidencial – informações consideradas pelo próprio governo como sigilosas. A intenção é mostrar que o Governo Lula não inovou ao usar os cartões corporativos para quitar despesas com bebidas caras, hotéis de luxo e produtos de higiene. O documento sugere que houve promiscuidade entre o dinheiro público e a campanha eleitoral dos tucanos, e foi usado por governistas para mandar recado aos adversários(p. 47).

O tom da reportagem buscava demonstrar que o documento teria sido construído com o intuito de chantagear a oposição a não prosseguir com as investigações contra o governo de Lula. Dilma Rousseff é conduzida ao centro dessa polêmica quando a reportagem afirma que o suposto dossiê foi produzido por funcionários da Casa Civil, ou seja, subordinados à ministra. Convencidos do envolvimento de Dilma com a produção do suposto dossiê, os líderes da oposição apresentaram requerimentos para que ela fosse convocada a prestar esclarecimentos à CPI. Essa tentativa foi frustrada, pois os governistas conseguiram reprovar as solicitações.

Não sendo possível convocar Dilma Rousseff para a CPI dos Cartões Corporativos, os senadores da oposição buscaram outra forma de expor a ministra da Casa Civil. Conseguiram, em maio de 2008, aprovar a convocação de Dilma Rousseff para falar sobre as obras do PAC na

²⁴ Ver matéria, disponível no link: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3001200802.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

Comissão de Infraestrutura do Senado. Quem iniciou os questionamentos da oposição à ministra foi o então senador Agripino Maia (DEM/RN).

Retomando as distintas versões dadas pela Casa Civil sobre a produção do dossiê, ou seja, 1) que o levantamento dos gastos tinham sido uma recomendação do Tribunal de Contas da União; 2) que as despesas estavam compondo a organização de uma base de dados e 3) que foi feito o levantamento para caso a CPI solicitasse maiores informações, Agripino Maia fez um questionamento à Dilma Rousseff sobre a veracidade de suas respostas e articulou, em sua pergunta, uma resposta que a ministra havia dado numa entrevista à Folha de São Paulo sobre o período da tortura na ditadura militar:

Numa entrevista, Vossa Excelência foi assim questionada: ‘que lembranças a senhora guardou dos tempos de cadeia?’ e Vossa Excelência responde: ‘A prisão é uma coisa onde encontramos com nossos limites. É isso que, às vezes, é muito duro. Nos depoimentos a gente mentia feito doido. Mentia muito. Mas muito mesmo’ O que é que me preocupa ministra? O dossiê, na minha opinião e de muitos brasileiros, é a volta ao regime de exceção. É o uso do Estado para encostar pessoas no canto da parede. A senhora mentiu na ditadura, mentirá aqui?²⁵.

A audiência estava sendo transmitida ao vivo pela TV Senado, e servia, portanto, de palco propício para tentativas tanto no sentido de reforço da imagem que o governo e o presidente difundiam de Dilma como gestora competente, quanto para a oposição impingir dúvidas acerca dessa imagem. A pergunta de Agripino revelava as tentativas de enquadrar a ministra da Casa Civil como alguém que poderia mentir, pois sabia como fazê-lo.

A resposta de Dilma Rousseff à interpelação do senador não necessariamente confirmou aspectos de sua imagem que vinham sendo amplamente acionados por seus aliados, como a capacidade gerencial. Por outro lado, ampliou suas credenciais para a posição de pré-candidata. As palavras da ministra remontaram aos seus anos de enfrentamento ao regime militar, e do ponto de vista de sua imagem situaram-na no lugar próprio da luta política:

Tem uma consideração que eu vou fazer antes, porque acho que ela é importante para a democracia no Brasil. O que acontece ao longo dos anos 70 não é uma ditadura policialesca simplesmente, é a impossibilidade de se dizer a verdade em qualquer circunstância. Não se dialoga, não é possível supor que se dialogue com o pau de arara²⁶, com choque elétrico, com a

25 CALDEIRA, Helder. A 1ª Presidenta. Rio de Janeiro: Faces, 2011. p. 47.

26 Método de tortura utilizado no período do Regime Militar no Brasil: “O pau-de-arara consiste numa barra de ferro que é atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o ‘conjunto’ colocado entre duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado a cerca de 20 ou 30 centímetros do solo. Este método quase nunca é utilizado isoladamente, seus ‘complementos’ normais são eletrochoques, a palmatória e o afogamento”. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, Brasil nunca mais. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 34)

morte. Qualquer comparação entre a ditadura militar e a democracia brasileira, só pode partir de quem não dá valor à democracia brasileira²⁷.

Após essa contextualização, Dilma retomou sua biografia buscando em sua trajetória de vida elementos para destituir o opositor de autoridade sobre o tema tratado:

Eu tinha 19 anos, fiquei três anos na cadeia e fui barbaramente torturada, senador. E qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para os seus interrogadores, compromete a vida dos seus iguais e entrega pessoas para serem mortas. Eu me orgulho muito de ter mentido senador, porque mentir na tortura não é fácil. Agora, na democracia se fala a verdade, diante da tortura, quem tem coragem, dignidade, fala mentira. [...] Nós somos humanos, temos dor, e a sedução, a tentação de falar o que ocorreu e dizer a verdade é muito grande senador, a dor é insuportável, o senhor não imagina quanto é insuportável. Então, eu me orgulho de ter mentido, eu me orgulho imensamente de ter mentido, porque eu salvei companheiros, da mesma tortura e da morte. Não tenho nenhum compromisso com a ditadura em termos de dizer a verdade. Eu estava num campo e eles estavam noutra e o que estava em questão era a minha vida e a de meus companheiros. E esse país, que transitou por tudo isso que transitou, que construiu a democracia, que permite que hoje eu esteja aqui, que permite que eu fale com os senhores, não tem a menor similaridade, esse diálogo aqui é o diálogo democrático. A oposição pode me fazer perguntas, eu vou poder responder, nós estamos em igualdade de condições humanas, materiais. Nós não estamos num diálogo entre o meu pescoço e a força, senador. Eu estou aqui num diálogo democrático, civilizado, e por isso eu acredito e respeito esse momento. Por isso, todas as vezes eu já vim aqui nessa comissão antes. Então, eu começo a minha fala dizendo isso, porque isso é o resgate desse processo que ocorreu no Brasil. Vou repetir mais uma vez: Não há espaço para a verdade, e é isso que mata na ditadura. O que mata na ditadura é que não há espaço para a verdade porque não há espaço para a vida, senador. Porque algumas verdades, até as mais banais, podem conduzir a morte. É só errarem a mão no seu interrogatório. E eu acredito, senador, que nós estávamos em momentos diversos da nossa vida em 70. Eu asseguro pro senhor, eu tinha entre 19 e 21 anos e, de fato, eu combati a ditadura militar, e disso eu tenho imenso orgulho.²⁸

O questionamento do senador tinha uma estratégia clara: fomentar desconfiança em torno da ministra. Entretanto, de acordo com as reportagens veiculadas nos telejornais (Jornal Nacional e Jornal da Globo), com aquela pergunta o senador Agripino Maia havia dado um “grande presente” à Dilma Rousseff: a oportunidade de evidenciar que ela também possuía uma trajetória política que a respaldava para a condição de pré-candidata às eleições presidenciais.

27 AMARAL, Ricardo B. A vida quer é coragem. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. p. 180.

28 O depoimento de Dilma na ocasião está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Tiyezo1fLRs>. Acesso em: 16 mai. 2015.

Tendo passado em seu primeiro teste diante da oposição, Dilma Rousseff ganhou ainda mais visibilidade. No fim de maio, mesmo mês em que se pronunciou na Comissão de Infraestrutura do Senado, a ministra deu uma longa entrevista no Programa de Jô Soares, na Rede Globo.

O ano de 2008 trouxe ainda a confirmação de um fato que contribuiria fortemente para a boa avaliação do governo Lula: a Petrobrás anunciava a descoberta de grandes reservas de petróleo em camadas de pré-sal, o que garantiria em médio prazo a autossuficiência do Brasil na produção. Mais uma vez a ministra Dilma Rousseff estava no centro da realização, pois ocupava o cargo de Presidente do Conselho de Administração da Petrobrás desde 2003.

Já considerada a pré-candidata à sucessão de Lula por aliados e opositores, ao fim de 2008 Dilma Rousseff fez um movimento que serviria de confirmação para os que ainda tinham alguma dúvida: realizou procedimentos cirúrgicos que contribuíram para “suavizar” sua imagem. Segundo matéria veiculada na Revista IstoÉ²⁹, intitulada “Como construir uma candidata”, a proposta de amenizar a imagem de sisuda e durona que a ministra tinha acumulado ao longo dos anos de atuação no governo já tinha sido sugerida, inclusive pelo presidente Lula. Segundo a reportagem, Lula havia dito à ministra: “Dilma, você precisa perder essa cara de escritório”.

As transformações com vistas a conseguir essa suavidade se iniciaram por motivos de saúde. Diagnosticada com uma diverticulite, a ministra da Casa Civil teve de fazer dieta e iniciar um programa de exercícios físicos, e com isso perdeu 12 quilos ao longo do ano de 2008. O arremate veio com as cirurgias plásticas realizadas em dezembro de 2008. De acordo com a reportagem, Sérgio Panizzon, o cirurgião de Dilma Rousseff, definiu o procedimento da seguinte forma:

Dilma sofreu pequenas intervenções cirúrgicas, que os especialistas chamam de ‘lifting’. Suas pálpebras foram reduzidas, o que aumentou seus olhos e tornou-os menos pesados. O nariz foi afilado e foram retiradas marcas de rugas na região entre o nariz e os lábios. ‘Por uma questão de ética médica, não posso dar detalhes da cirurgia. Só posso dizer que o resultado ficou muito satisfatório e me orgulha bastante’, diz o médico³⁰.

A reportagem da IstoÉ evidencia ainda que há uma equipe de profissionais envolvidos nesse processo de produção da candidatura de Dilma, entre os membros destacam-se: o marqueteiro João Santana e o ministro de Comunicação Social, Franklin Martins, responsáveis pela construção mais conceitual da imagem, o jornalista Laurez Cerqueira que produzia os discursos da ministra, a

29 LAGO; PARDELLAS, 2008, Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe-temp/edicoes/2045/imprime123220.htm>> Acesso em: 18 mai. 2015.

30 Ibid.

cabeleireira Tian e o cirurgião Sérgio Panizzon que cuidavam das transformações estéticas. Com esse nível de profissionalização já se anunciava como praticamente certa a candidatura de Dilma Rousseff. Nesse sentido, as movimentações, internas à base aliada e externas no âmbito da oposição, se intensificaram.

O ano de 2009 foi dinâmico e decisivo para o delineamento final da conjuntura eleitoral de 2010. Por um lado, Dilma Rousseff intensificou sua jornada de viagens e reuniões com grupos de empresários e sindicatos, o presidente Lula já a anunciava, no início do ano (fevereiro de 2009), como a melhor candidata à Presidência da República,

Agora, o que eu estou percebendo é que a minha ministra da Casa Civil, a Dilma Rousseff, é a pessoa mais qualificada hoje para governar o Brasil. Ela coordena os principais programas de desenvolvimento no Brasil, ela conhece muito bem o Brasil, é uma gerente extraordinária, tem uma capacidade de gestão fantástica, conhece bem de economia e eu acho que é uma mulher que tem uma história política que merece respeito. A companheira Dilma Rousseff foi militante de esquerda na década de 70, foi presa, foi torturada, e hoje é uma mulher preparada. Não tem mágoa do seu passado, não tem vergonha e, por isso, *eu acho que ela está mais calejada para dar continuidade e melhorar aquilo que estamos fazendo hoje.*³¹

Em meio a toda essa movimentação, apareceu *uma pedra no meio do caminho*³² da candidatura de Dilma Rousseff. No início de 2009, ao saber que teria que aumentar sua exposição pública em viagens por todo o país, a ministra da Casa Civil passou por uma bateria de exames. Na ocasião, foi encontrado um pequeno caroço abaixo da axila, e o médico responsável pelo acompanhamento da saúde da ministra indicou que ela deveria retornar ao hospital para extrair o nódulo a fim de que se realizasse uma biópsia do material.

No dia 03 abril, Dilma Rousseff realizou o procedimento, uma cirurgia que durou cerca de 45 minutos. Em 25 de abril, a ministra da Casa Civil recebia o resultado da biópsia: os testes com o material do nódulo confirmavam o desenvolvimento inicial de um linfoma, um tipo de câncer nos gânglios. Apesar da afirmação da equipe médica de que as chances de cura do tipo de câncer da ministra, quando descoberto no início como o dela, eram de 90%, o espectro do câncer rondava a pré-candidata.

Segundo Amaral, numa biografia autorizada que escreveu sobre a ministra, antes de anunciar publicamente o diagnóstico e o tratamento ao qual seria submetida, ao lado de seus médicos, Dilma Rousseff aguardou o retorno do presidente Lula de uma viagem à Argentina para informá-lo e consultá-lo sobre os próximos movimentos, afinal ela reconhecia que o diagnóstico

31 KAMEL, op.cit., p. 248, grifo nosso.

32 Referência ao poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade.

que recebera impactaria diretamente nos planos de aumentar sua exposição, assim como na sua imagem.

Na manhã de sexta-feira, antes de seguir para o encontro com Lula, Dilma ligou para Kalil [médico] e pediu que ele desse a primeira informação ao presidente. Ela chegou à Base Aérea logo depois de Lula dar uma bronca em seu médico particular por não ter lhe contado nada antes. Kalil estava protegido pela ética médica: a decisão de informar uma doença, a quem e quando é sempre do paciente. O telefonema e a bronca tiveram sobre Lula o efeito de um tranquilizante. Na conversa com Dilma, ele parecia até mais confiante do que ela quanto ao sucesso do tratamento e também da candidatura. No final despediu-se carinhosamente: - Tranquila, Dilminha, tranquila. Você é forte, vai conseguir³³.

O que para Dilma Rousseff poderia ser um desafio de sua pré-candidatura, afinal desde a morte de Tancredo Neves a condição de saúde de um presidenciável era algo que rondava o imaginário político dos brasileiros, foi rapidamente convertido em aspectos favoráveis à imagem da pré-candidata por sua equipe de assessores. Ela passava, então, a ser retratada como uma mulher que tinha como marca superar os desafios impostos pela vida: na juventude, a tortura e prisão do regime militar; na idade adulta, o câncer. Essa apropriação e conversão de um aspecto possivelmente negativo em qualidades para a candidata foi construída tanto em seus discursos quanto nos do presidente Lula.

Na ocasião da divulgação de seu diagnóstico a jornalistas, a ministra da Casa Civil disse “Nós, brasileiros, temos esse hábito de sermos capazes de enfrentar obstáculos, de transpô-los e de sairmos inteiros de lá, e afirmou: “Esta é a questão que está na pauta hoje para mim: enfrentar essa doença, que os médicos garantem que está extirpada, e sair mais forte do lado de lá”³⁴.

Nesses trechos, observam-se dois movimentos na construção da imagem: um relacionado à identificação, pois a pré-candidata se aproxima dos eleitores quando afirma que a força para superar os obstáculos da vida é uma condição nata dos brasileiros(as); e outro relacionado à segurança ao interlocutor, já que além da sua força para enfrentar o câncer, Dilma Rousseff também tinha a garantia dos especialistas médicos de que sua doença já havia sido controlada e que a cura era uma questão de tempo pós-tratamento.

Os discursos de Lula que se referiram ao diagnóstico de Dilma Rousseff foram articulados no sentido de produzir uma cumplicidade entre a pré-candidata e os eleitores. Uma fala que destaca esses movimentos do presidente ocorreu numa viagem em que a ministra acompanhou-o para a inauguração de um conjunto de obras na capital Manaus. Amaral narra essa ocasião:

³³ AMARAL, op.cit., p. 190-191

³⁴ Ibid., p. 191.

O sol já estava se pondo no último compromisso quando Lula puxou Dilma pela mão e a levou à frente do palco:

- Quero que você olhe para as pessoas, porque a partir delas vem a sua força, a força que você precisa. Esse povo vai precisar muito de você daqui pra frente.

Lula ergueu a mão de Dilma e voltou-se para o público:

- Orem por ela³⁵.

Apesar dos desafios postos pelo diagnóstico e tratamento do câncer, a pré-candidatura de Dilma Rousseff seguiu, na medida do possível, o *script* planejado. A ministra continuou realizando viagens ao lado do presidente Lula e trabalhando em elementos do governo que contribuiriam para o processo sucessório, entre os quais destaca-se a legislação sobre o pré-sal. Ao participar diretamente do processo decisório sobre os novos poços de petróleo, Dilma Rousseff estaria diretamente vinculada ao carimbo dado no “passaporte para o futuro”, como o Lula chamava o pré-sal.

A essa altura, a candidatura da ministra da Casa Civil era dada, pelos campos político e midiático, como certa. Um acontecimento que corroborou ainda mais a confirmação da candidatura de Dilma Rousseff para a sucessão de Lula foi o Programa Partidário do PT veiculado em dezembro de 2009. Nessa peça publicitária, a ministra da Casa Civil é a primeira personagem a falar após o *locutor off*, antes mesmo que o presidente, e é apresentada como articuladora e operadora das grandes realizações do governo.

No âmbito da oposição (PSDB), buscava-se construir uma saída para resolver, sem grandes traumas, as disputas internas em torno de quem seria o candidato. Como dito anteriormente, o maior partido de oposição (PSDB) tinha dois pré-candidatos: os governadores José Serra, de São Paulo, e Aécio Neves, de Minas Gerais.

Diante do impasse, Aécio Neves defendeu a realização de prévias, a fim de que os filiados fossem consultados e decidissem sobre que liderança deveria representar o partido nas eleições 2010.³⁶ A defesa do governador de Minas Gerais pelas prévias denotava uma clara estratégia de promover uma disputa interna no partido, em que o próprio tivesse chances de vir a ser candidato. As pesquisas de intenção de voto realizadas no período pré-eleitoral evidenciavam que Serra estava melhor posicionado que Aécio para a disputa contra a pré-candidata do PT.

As discussões da oposição foram sendo conduzidas sem muita pressa; especulava-se uma chapa puro sangue, entretanto ficava a dúvida: quem seria o titular e quem seria o vice? Essas decisões foram sendo adiadas, sobretudo porque a pré-candidata do governo era considerada com

³⁵ AMARAL, op.cit., p. 192.

³⁶ Prévias são consideradas eleições intrapartidárias em que os filiados ao partido político votam na liderança que consideram o melhor representante do partido para um pleito eleitoral.

pouca expressão política, e questionava-se se Lula teria condições de transferir seu capital político para ela. Essa percepção era reforçada pelas pesquisas de opinião da época, que colocavam a ministra da Casa Civil bem atrás do provável opositor³⁷.

O jogo parecia delineado: mais uma vez a disputa presidencial deveria se dar por meio de um embate polarizado por um candidato do PT e outro do PSDB, como havia acontecido em todas as eleições desde 1994. Entretanto, em agosto de 2009, ocorreu um fato que redimensionou as expectativas do governo e da oposição sobre o embate eleitoral de 2010: a senadora Marina Silva deixava o PT, após 30 anos de filiação, e seu cargo de Ministra do Meio Ambiente no governo Lula. A saída da ambientalista foi tributada às divergências que ela e Dilma Rousseff tinham sobre as licenças ambientais para obras do PAC, com destaque para as usinas hidrelétricas na região Norte do país. Com a saída de Marina Silva, o Partido Verde (PV) fez-lhe o convite para concorrer à Presidência da República.

A candidatura da senadora trazia fragilidades tanto para o governo quanto para a oposição. Por ser uma dissidência de dentro do governo Lula, com Dilma Rousseff diretamente implicada nas motivações de saída, o discurso de Marina Silva poderia contribuir para a produção de uma imagem da pré-candidata governista como autoritária, por outro lado a oposição teria que enfrentar uma representante que apresentava algumas discordâncias do governo, mas que poderia garantir a continuidade das principais políticas pelo seu histórico de engajamento nas lutas sociais.

As indefinições no PSDB se desdobraram até dezembro de 2009. No início do mês, mais precisamente em 3 de dezembro, o partido veiculou um programa na TV e no rádio em que os dois pré-candidatos dividiram o espaço. Havia um revezamento em que Serra e Aécio mostravam à audiência as realizações de suas gestões em São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, apresentadas como modelos de gestão tucana. O programa foi o último espaço interno de disputa entre os pré-candidatos. No dia 17 de dezembro, Aécio Neves abdicou da disputa. Em pronunciamento³⁸, afirmou que sua decisão se guiava pelo compromisso com o projeto político do PSDB e que aquele era um momento estratégico para a definição do processo,

Sempre tive consciência de que uma construção com essa dimensão e complexidade não poderia ser realizada às vésperas das eleições. Quando, em 28 de outubro, sinalizei o final do ano como último prazo para algumas decisões, simplesmente constatava que, a partir deste momento, o quadro eleitoral estaria começando a avançar em um ritmo e direção próprios, e a

37 Pesquisas realizadas ao longo de 2009 evidenciavam uma vantagem do candidato da oposição sobre a candidata governista numa margem de cerca de 20%. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pesquisas_de_opini%C3%A3o_na_elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_brasileira_de_2010>. Acesso em: 23 mai. 2015.

38 Ver matéria “Aécio diz que não teria mais tempo para implementar projeto amplo de alianças”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1419195-5601,00-ARA+IMPLEMENTAR+PROJETO+AM+PLO+DE+ALIANC.html>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

minha participação não poderia mais colaborar para a ampla convergência que buscava construir.

Com a decisão de Aécio Neves de retirar-se da disputa interna ao PSDB, o tabuleiro das eleições 2010 estava com os jogadores competitivos definidos: Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB) e Marina Silva (PV).

Ao longo dos seis primeiros meses de 2010, os movimentos dos pré-candidatos foram basicamente no sentido de ampliar a visibilidade de suas candidaturas. Dilma Rousseff e José Serra, representantes dos maiores partidos em disputa, desfilaram desde os principais carnavais do país, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, até os programas eleitorais de seus partidos em meados de maio de 2010. As oficializações das pré-candidaturas dos três candidatos competitivos ocorreram entre fevereiro e maio de 2010.

O primeiro partido a confirmar sua pré-candidata foi o PT, num congresso realizado em 20 de fevereiro de 2010. Na ocasião, Dilma Rousseff sinalizava um forte discurso de continuidade, que seria uma das marcas de sua estratégia eleitoral: “Não haverá retrocesso nem aventuras [...] Como todos podem ver, temos um extraordinário alicerce sobre o qual construir o terceiro governo democrático e popular. Temos rumo, experiência e impulso para seguir o caminho iniciado por Lula” (GAZETA DO POVO, 2010)³⁹.

A candidata mencionou ainda a estratégia que alguns aliados ensaiaram de propor uma mudança constitucional para que Lula pudesse disputar um terceiro mandato: “Não praticamos casuísmos. Basta ver a reação firme e categórica do presidente ao frustrar as tentativas de mudar a Constituição para que pudesse disputar um terceiro mandato. Não mudamos, como se fez no passado, as regras do jogo no meio da partida”. O presidente Lula, em seu discurso, destacou a trajetória da candidata pela sua coragem e comprometimento com a construção de um país melhor, “Essa menina, com 20 anos de idade, resolveu por opção própria colocar sua vida em risco, para garantir a democracia neste País”.

Em 10 de abril de 2010, o PSDB lançou a pré-candidatura de José Serra à Presidência da República. A oficialização ocorreu numa convenção realizada conjuntamente entre PSDB e partidos aliados, Democratas (DEM) e Partido Popular Socialista (PPS). No evento, Serra destacou também sua trajetória de luta contra a ditadura, que o fez ser exilado, “Sou sobrevivente do Estádio Nacional de Santiago, onde muitos morreram. Por algum motivo, Deus permitiu que eu saísse de lá

39 Ver matéria intitulada “Em Congresso, PT oficializa pré-candidatura de Dilma”. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/em-congresso-pt-oficializa-pre-candidatura-de-dilma-dhwnjjg44z11qaksj5gj4ia1a>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

com vida”⁴⁰. O candidato referiu-se ainda ao legado que seu partido e o governo de Fernando Henrique Cardoso deixaram e que contribuíram para o país se desenvolver com estabilidade, “Com o Plano Real, o Brasil transformou sua economia a favor do povo, controlou a inflação, melhorou a renda e a vida dos mais pobres, inaugurou uma nova Era no Brasil”. A crítica à principal adversária, a petista Dilma Rousseff, indicava que a estratégia governista de dividir o país entre “*nós x eles*” não seria aceita, pois como candidato da oposição, Serra defendia a união pelo Brasil, “Somos todos irmãos na pátria. Lutamos pela união dos brasileiros e não pela sua divisão”.⁴¹

A senadora Marina Silva foi a última, entre os três candidatos competitivos, a oficializar sua pré-candidatura pelo Partido Verde (PV) à Presidência da República. O evento em que ocorreu a oficialização foi a pré-convenção do partido, na ocasião Marina Silva apresentou o empresário Guilherme Leal, dono da empresa Natura, como vice em sua chapa. Sobre as expectativas para o processo eleitoral, a senadora destacou a transparência como fundamento de sua campanha, essa fala trazia consigo uma clara crítica ao governo petista, “[Vamos fazer] uma campanha educada. Não vamos fazer ataques, não precisamos. Isso não educa a sociedade no ponto de vista ético. Não podemos ficar dando rasteiras, como fizeram com o [deputado federal] *Ciro [Gomes]*. Temos que ser coerentes”. A rasteira a que Marina Silva se referia teria sido dada pelo presidente Lula no deputado federal do PSB/CE, *Ciro Gomes*. Essa interpretação ficou disseminada no campo político após o processo de escolha do candidato governista para suceder a Lula na disputa eleitoral. Durante boa parte da pré-campanha, as pesquisas de opinião colocavam *Ciro Gomes* como provável candidato governista. Até meados do ano de 2009, todas as simulações apontavam o deputado federal como candidato mais viável eleitoralmente do que a ministra *Dilma Rousseff*. Entretanto, Lula, como o articulador da decisão no processo de escolha do sucessor, não se posicionava explicitamente, mesmo com todos os movimentos no sentido de construir a viabilidade da candidatura de *Dilma Rousseff*. A ideia de rasteira veio quando Lula sugeriu a *Ciro Gomes* que transferisse seu domicílio eleitoral para São Paulo. Ao final, com a decisão pela candidatura de *Dilma Rousseff*, o deputado ficou com poucas chances de concorrer a algum cargo, tendo em vista que sua base eleitoral estava situada no Ceará. Esse discurso de Marina Silva na oficialização de sua candidatura evidenciava a disposição da ex-ministra em se posicionar como uma candidata de oposição ao governo.

Com o cenário eleitoral delineado, as pesquisas de opinião passaram a assumir uma função mais central na definição das estratégias de campanha. As pesquisas de intenção de votos

40 REVISTA VEJA, 2010. Ver matéria intitulada “Serra: ‘Eleição é uma escolha sobre futuro’”. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/eleicoes/jose-serra-em-brasilia/serra-eleicao-e-uma-escolha-sobre-o-futuro/>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

41 Ibid.

divulgadas até junho, período em que ocorreram as oficializações das candidaturas junto à Justiça Eleitoral, foram cruciais para a confirmação de sucesso das estratégias traçadas pelas campanhas de Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva.

A primeira pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha em 2010 foi nos dias 25 e 26 de fevereiro, após o anúncio da candidatura de Dilma Rousseff no Congresso do PT. Na ocasião, a diferença entre a ministra da Casa Civil e seu concorrente direto, José Serra, era de 4 pontos percentuais favoráveis ao candidato do PSDB. Marina Silva pontuava 8% das intenções de votos. Em março, a vantagem de Serra ampliou-se para 9 pontos em relação à Dilma, sendo 36% e 27%, respectivamente, as intenções de votos, e Marina manteve o percentual anterior. Na pesquisa realizada em abril, José Serra oscilou para 38% e Dilma Rousseff para 28%, ficando a diferença em 10% de vantagem para o candidato tucano. Nesta pesquisa, Marina Silva foi de 8% para 10%.

A principal alteração no cenário das pesquisas ocorreu em maio, após a exibição do Programa Partidário do PT. Dilma Rousseff avançou 9% e José Serra recuou 1%, ficando, assim, empatados, cada um dos candidatos com 37%. Marina Silva também avançou 2 pontos percentuais, ficando com 12%. O significativo dessa pesquisa realizada em maio, mais do que o extraordinário aumento de intenção de votos em Dilma Rousseff, foram as evidências de que a estratégia eleitoral estava funcionando. Na matéria intitulada “Dilma cresce e empata com Serra”, ao apresentar os dados da referida pesquisa, o jornal Folha de São Paulo evidenciou o peso que o apoio de Lula teria para a decisão do voto nas eleições 2010:

Questionados se o apoio do presidente Lula a um candidato levaria à escolha desse nome, 44% responderam que escolheriam com certeza, 26% que não votariam nesse candidato e 22% responderam que talvez votem nesse candidato. [...] Questionados se conhecem o candidato(a) apoiado(a) pelo presidente Lula, 20% dos entrevistados afirmaram não saber quem o presidente apoia; oito pontos percentuais a menos que na pesquisa anterior. Já 71% disseram que Lula apoia Dilma Rousseff (antes eram 61%)⁴².

Os Programas Partidários do PT reforçaram de modo expressivo a insígnia de Mãe do PAC. Tornando-se este o termo que inseriu Dilma Rousseff no tabuleiro sucessório do presidente Lula, parto dele para compreender os processos de produção da imagem de Dilma no período pré-eleitoral. Foi como mãe do PAC que Lula inseriu a pré-candidata num regime de visibilidade, colocando-a no centro das realizações, exitosas e promissoras do governo. Considero o epíteto uma síntese das estratégias que orientaram a ampliação da visibilidade de Dilma Rousseff, pois ao termo

42FOLHA DE SÃO PAULO, 2010. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2010/05/1131363-dilma-cresce-e-empata-com-serra.shtml>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

“mãe do PAC” acionou duas dimensões importantes da imagem no contexto pré-eleitoral: os elementos técnico-gerencial e de gênero.

Ser mãe é um atributo fundante da condição do feminino em nossa sociedade; com ele se ressalta a condição de gênero da pré-candidata. Entretanto, essa representação assume outra dimensão, ao afirmar que ela é mãe de um conjunto de políticas públicas. Nesse sentido, a ministra transfere para a gestão pública “zelo e cuidado” que uma mãe tem por seus filhos. Lula como o criador da alcunha a explica:

Quero falar da Dilma Rousseff porque outro dia, no Rio de Janeiro, eu disse que a Dilma era a mãe do PAC. E por que ela é a mãe do PAC? É porque o PAC só funciona porque esta mulher, certamente toma mais conta do PAC do que tomou conta da filha dela. E por que eu digo isso? Porque tomo mundo que é pai sabe. Quando tem uma filha ou um filho que está com 14, 15 anos, eles não querem mais saber do pai. Nós somos coroas, nós estamos superados, as músicas não combinam, a roupa não combina, os amigos não combinam; eles querem liberdade. Então, a filha da Dilma certamente foi assim. Mas o PAC não quer liberdade, o PAC quer controle, fiscalização, acompanhamento. Porque, senão, ele não funciona⁴³.

Cabe destacar que nem toda mulher poderia assumir os “cuidados” exigidos por um programa governamental. Essa tarefa requer capacidades técnicas e conhecimentos de gestão pública; os aspectos de comprometimento “típicos” da maternidade se constituiriam numa capacidade extra que a condição de gênero traria à função. Nesse sentido, mãe do PAC simboliza a reunião, na *persona* de Dilma Rousseff, de dois elementos: a condição de gênero e a capacidade técnico-gerencial.

Nesse sentido, compreendo que a construção da *imagem pública* de Dilma no período pré-eleitoral⁴⁴ reuniu as seguintes estratégias: ampliação da visibilidade de sua atuação técnica e gerencial associada às realizações do governo Lula, exposição de sua biografia vinculada às lutas por democracia e valorização de sua condição de gênero. A seguir apresento como essas estratégias se delinearam no material selecionado para análise.⁴⁵

A dimensão técnico-gerencial foi explorada no período pré-eleitoral por meio da apresentação da formação acadêmica de Dilma: economista graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado em teoria econômica e doutorado em economia monetária e financeira, ambos pela Universidade de Campinas (Unicamp). Cabe ressaltar que a informação sobre suas titulações acadêmicas foi questionada em alguns órgãos da imprensa. Em resposta,

43 KAMEL, op.cit., p. 247

44 Refere-se à temporalidade em que se ampliou a visibilidade pública da então ministra até a oficialização de sua candidatura pelo PT à sucessão de Lula, em junho de 2010.

45 Programas do PT, veiculados em novembro de 2009 e maio de 2010, e os dois perfis escritos pelo jornalista Luiz Maklouf para a Revista Piauí, ambos de 2009.

HISTÓRIA E CULTURAS

DOSSIÊ HISTÓRIA POLÍTICA E PODER LOCAL

Dilma confirmou que havia informações incorretas, pois a mesma não havia concluído seus cursos de mestrado e doutorado; afirmou que concluiu os créditos, mas que não teve tempo hábil para defender os trabalhos porque as funções públicas não lhe permitiram. Diante da polêmica, a informação de que ela possuía as titulações foi retirada do seu currículo *lattes* no decorrer da disputa.

Além de sua formação acadêmica, foram evidenciadas suas experiências em gestão do serviço público como secretária de Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre, governo Alceu Colares - PDT (1985-1988), secretária de Minas e Energia do Rio Grande do Sul, governos Alceu Colares - PDT (1991-1994) e Olívio Dutra - PT (1998 – 2002), ministra de Minas e Energia (2003-2005) e ministra da Casa Civil (2005-2010) nos governos de Lula – PT (2003-2010).

No programa partidário de dezembro de 2009, a capacidade gerencial de Dilma Rousseff é denotada pelos discursos veiculados, os quais vão colocá-la como responsável por grandes realizações do governo, mas, em especial, pelo lugar de enunciação que a pré-candidata assume na peça publicitária. Dilma tem evidência; é a primeira e a última a falar, e durante o programa as imagens visuais colocam-na como “braço direito” de Lula, com a função de coordenar o ministério e o governo.

154

Figura 1 – Imagens Dilma Rousseff no HGPP do PT



Fonte: HGPP, PT (10/12/2009) - Arquivo Pessoal

Lula reforça essa imagem de Dilma Rousseff como a agente que orquestra o conjunto das realizações governamentais, estando ao seu lado e contribuindo diretamente:

Tem gente que pensa que eu faço tudo sozinho, mas, na verdade, eu tenho uma excelente equipe com ministros de vários partidos. Os ministros do PT têm um papel importante neste trabalho. Um grande exemplo é a ministra Dilma, que, além de coordenar o ministério, é responsável pelo PAC, pelo Pré-Sal e pelo programa Minha Casa, Minha Vida⁴⁶.

A capacidade técnico-gerencial da pré-candidata é destacada ainda através das falas de apresentadores do programa partidário:

Locutor off: Ela modernizou o sistema elétrico do país e, ao mesmo tempo, criou o Programa Luz Para Todos, beneficiando quase 11 milhões de pessoas pobres Brasil afora. Junto com Lula, Dilma está agora transformando o PAC, o Pré-Sal e o Minha Casa, Minha Vida, nos maiores programas de mudança social e econômica da história⁴⁷.

Quando assume o lugar de enunciadora, Dilma Rousseff oferece ao espectador uma síntese do governo, buscando evidenciar a propriedade de quem esteve diretamente envolvida na concepção e desenvolvimento das ações. A pré-candidata apresenta assim o projeto de país perseguido pelas gestões petistas no Executivo Federal:

Hoje, o Brasil, é um país bem diferente daquele que o governo Lula encontrou 7 anos atrás. É um país mais forte, mais justo e, principalmente, muito mais preparado para o futuro. Três belos exemplos desta ponte entre presente e futuro são os programas Minha Casa, Minha Vida, o Pré-sal e o Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC. Eles estão entre os maiores programas do mundo. São três programas irmãos, não só em grandeza, mas no mesmo objetivo: fazer crescer o Brasil e todos os brasileiros⁴⁸.

Associação entre Lula e Dilma é produzida a partir da noção comum de “braço direito”. Usa-se essa expressão quando se quer evidenciar que alguém com função importante tem ao seu lado alguém de confiança que auxilia na execução das tarefas. A parceria entre o presidente e a pré-candidata é explorada de tal modo que, na apresentação, as realizações são atribuídas a ambos,

46 Programa Partidário exibido em 10 de dezembro de 2009.

47 Idem.

48 Programa partidário exibido em 10 de dezembro de 2009.

como enuncia o locutor *off*: “Dilma e Lula inverteram o jogo. Universidade? Direito de todos. Carne na mesa? Direito de todos. Luz? Direito de todos. Formação técnica? Direito de todos”⁴⁹.

A parceria é expressa ainda através dos diálogos traçados entre Lula e Dilma sobre a importância da continuidade das políticas:

Lula: O mundo está admirado com esse novo Brasil que está nascendo. Porque, entre outras coisas, provamos que é possível unir democracia, crescimento econômico e redução da pobreza. Mas não tenho dúvida, de que nós só estamos sendo respeitados lá fora, porque a gente aprendeu, primeiro, a respeitar o nosso povo aqui dentro. Nós sabemos que ainda há problemas a vencer, mas sabemos também que já encontramos o melhor caminho.

Dilma: Presidente, eu penso igual ao senhor. Tem governo que fez pouco e acha que fez muito. Nós, não. A gente fez muito, mas sabe que é preciso fazer muito mais. O Brasil melhorou, mas, como o senhor mesmo diz, devemos sempre fazer mais.

Lula: E o melhor Dilma, é que construímos uma base sólida, para o Brasil continuar avançando nos próximos anos.

Dilma: Sem dúvida, presidente, o Brasil, hoje, está pronto pra (sic) dar um novo salto na sua história⁵⁰.

Dilma conclui o programa partidário apresentando o que precisa ser realizado, e reforça a importância da continuidade:

O Brasil tem um grande desafio pela frente: crescer mais rápido, diminuir mais a pobreza e melhorar ainda mais a qualidade de vida do nosso povo. Em poucos anos, seremos a quinta economia mundial. Para mim, o mais importante é termos uma educação e uma saúde entre as primeiras do mundo. Isso é possível. O governo Lula está fazendo o Brasil ficar do tamanho que merece. Nós já aprendemos o caminho⁵¹.

No programa de maio de 2010, com Dilma já apresentada como candidata do PT para as eleições presidenciais, o endosso de sua capacidade gerencial vem através do presidente Lula e dos ministros do governo.

Lula relembra o acontecimento que o levou a convidar Dilma para o Ministério de Minas e Energia, destacando que a competência da ministra era tão significativa que não foi necessário mais que um encontro para realizar a escolha. O arremate discursivo sobre a certeza da competência gerencial é expresso pelo presidente no êxito que Dilma teve em conduzir a coordenação de seu governo:

49 Idem.

50 Idem.

51 Programa partidário exibido em 10 de dezembro de 2009.

É um belo dia, em 2002, entra na minha sala uma mulher com um laptop na mão, a secretária de Minas e Energia do Rio Grande do Sul, e nós fizemos aquela reunião. Quando terminou a reunião me veio na cabeça a certeza que eu tinha encontrado a pessoa certa pro (sic) lugar certo. Ou seja, *em apenas uma reunião, a Dilma conseguiu me convencer que eu já tinha a Ministra de Minas e Energia do Brasil*. E ela inegavelmente foi uma Ministra de Minas e Energia da maior competência que o Brasil já teve⁵².

A prova definitiva da competência da Dilma, foi quando chamei ela pra (sic) ser chefe da Casa Civil. Ela simplesmente foi exuberante na coordenação do meu governo. Eu digo, sem medo de errar: *grande parte do sucesso do governo tá (sic) na capacidade de coordenação da companheira Dilma Rousseff*.⁵³

157

O bom desempenho de Dilma como gestora é também ressaltado por outros ministros do governo Lula:

Fernando Haddad (Ministro da Educação): A Dilma é uma grande aliada da educação brasileira. Ela pensa a educação como tem que ser: da creche ao ensino superior.

Guido Mantega (Ministro da Fazenda): Dilma é uma economista de visão e sensibilidade. Ela sempre apoiou a política de crescimento sustentado, a redução de impostos e contribuiu muito para o Brasil enfrentar e vencer a crise internacional do ano passado.

Paulo Bernardo (Ministro do Planejamento): Conheço pouquíssimas pessoas com a capacidade de planejar, de liderar e realizar como a Dilma. Suas qualidades foram decisivas para o sucesso do governo Lula⁵⁴.

Os depoimentos dos colegas de ministério contribuem para dar credibilidade à capacidade de liderança de Dilma. Esse movimento foi importante para a construção da imagem, tendo em vista que algumas matérias veiculadas na mídia sobre a pré-candidata delineavam-na como uma pessoa séria e muito exigente no que se refere ao cumprimento de metas e prazos, o que por vezes levava a atritos com colegas e subordinados.

Os discursos e as informações referentes à trajetória da pré-candidata no âmbito da gestão pública compuseram o esforço de conferir legitimidade para Dilma através das credenciais de sua formação acadêmica e atuação em cargos da burocracia estatal. Tratava-se de apresentar publicamente referências que indicassem a capacidade de decisão política de Dilma, “[...] pois competência e experiência dariam ao sujeito um poder de agir com discernimento”⁵⁵.

52 Idem.

53 Idem.

54 Idem.

55 CHARAUDEAU, P. O discurso político. São Paulo: Contexto, 2006, p. 72.

O esforço de conferir legitimidade à pré-candidata pelas credenciais de sua formação acadêmica e atuação em cargos da burocracia estatal corrobora algo que Barreira já havia observado como um elemento acionado pelas mulheres em campanhas eleitorais. Segundo a autora,

[...] as mulheres não entram na vida política de forma silenciosa. Ao contrário, ritualizam essa entrada, seja comemorando a capacidade de ‘romper barreiras’, seja *ênfatizando sua capacidade para o exercício da função* em reação aos preconceitos historicamente arraigados, que associam negativamente gênero feminino e desempenho político⁵⁶ (grifo nosso).

A ampliação das credenciais da então ministra para além do campo técnico-gerencial fez-se pela apresentação de sua trajetória, com relevo na participação de Dilma em mobilizações estudantis de contestação à Ditadura Militar (1964-1985), nos anos de 1960.

Nesse período, Dilma participou de organizações clandestinas de esquerda, tais como a Política Operária (Polop) e o Comando de Libertação Nacional (Colina). Por conta de sua atuação na contestação ao regime, foi presa em 1970, aos 23 anos, e permaneceu no cárcere até 1972. A saída da prisão e a retomada dos estudos acadêmicos conviveram com a militância política de Dilma nos processos de reconstrução democrática do país. Ainda na década de 1980, ajudou na fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), participando ativamente de diversas campanhas eleitorais, sobretudo no Rio Grande do Sul. Sua aproximação com o Partido dos Trabalhadores (PT) ocorreu por meio de sua participação no governo de Olívio Dutra (PT). Sua filiação ao PT ocorreu em 2001, e logo após seu ingresso no partido foi chamada a participar da elaboração do plano de governo de Lula⁵⁷ para o setor energético.

O palco para o desenvolvimento dessa estratégia foi o programa partidário veiculado em maio de 2010. Nele buscou-se apresentar a biografia com o intuito de produzir uma aproximação e identificação com o eleitor/espectador. Se na peça publicitária de 2009 reforçou-se exclusivamente o papel que Dilma desempenhou no governo, dando ênfase à sua dimensão técnico gerencial, em 2010 o programa dá a conhecer uma mulher “comum”, cuja trajetória se notabilizaria pela capacidade de superação.

O programa abre com a fala de um locutor *off* que afirma “*Uma grande brasileira*” (grifo nosso)⁵⁸, em seguida, quem assume a posição de enunciador é Lula. O enquadramento da

56 BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Núcleo de Antropologia Política, 1998.p. 105.

57 No primeiro programa eleitoral de Lula, nas eleições de 2002, Dilma pode ser vista (aos 4 segundos) conversando numa mesa de reunião com outros membros do PT. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QX3aZCF9sFI>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

58 Programa partidário exibido em 14de maio de 2010.

câmera apresenta o então presidente em diálogo com um terceiro que não está em cena, e seu discurso intenta apresentar Dilma Rousseff para além de suas credenciais técnico-gerenciais:

Lula: Um dia desses me perguntaram por que eu admiro tanto a Dilma. A pessoa certamente pensava que eu ia dizer que era porque a Dilma me ajudou muito no governo. Claro que eu admiro muito o que ela fez no meu governo, mas o que eu mais admiro na Dilma é a própria história dela. É a história de uma mulher que viveu tudo muito intensamente, com muita coragem e competência. E chegou aonde está por seus méritos. É uma tremenda história de vida⁵⁹.

Alternados com o depoimento de Lula são apresentados relatos do locutor *off* e da própria Dilma sobre sua trajetória de militância:

Loc Off: Dilma nasceu e cresceu em Belo Horizonte. Tinha 16 anos quando o golpe militar acabou com a democracia. Como milhares de jovens ela não viu outra saída e foi à luta contra a ditadura.

Dilma: Foi uma época muito difícil. Vivíamos nas trevas. Tudo, mas tudo mesmo era proibido. Não se respeitava a liberdade de imprensa, a liberdade de opinião e de expressão. Os sindicatos estavam proibidos até de lutar por melhores salários e os estudantes não tinham sequer o direito de se organizar. Eu? Eu lutei sim. Eu lutei pela liberdade e pela democracia. Lutei contra a ditadura do seu primeiro ao seu último dia. Com os meios e as concepções que eu tinha. Naquela época muita gente foi presa. Outros foram obrigados a se exilar. Outros morreram. Quando o Brasil mudou, eu mudei. *Mas nunca, nunca mesmo mudei de lado.*⁶⁰

A associação da imagem de Dilma a de Lula se constituiu numa das principais estratégias da campanha eleitoral de 2010. Como os dados das pesquisas evidenciam, após o esforço de tornar a ministra da Casa Civil conhecida da maioria dos eleitores (na pesquisa de maio o nível de conhecimento chegava a 90% dos entrevistados), a associação com o presidente Lula se consolidou como movimento pós-anúncio da candidatura.

Nas últimas pesquisas antes do início do período eleitoral, em junho e julho de 2010, Dilma e Serra mantinham-se empatados. Entretanto, um dado chamava atenção: quando questionados quanto à expectativa de vitória, 43% dos entrevistados apontavam a candidata petista como provável vencedora, 10% a mais do que o candidato tucano (33%). Em julho de 2010, 75% dos entrevistados reconheciam Dilma como a candidata apoiada pelo presidente Lula.

Conclusões

59 Idem.

60 Programa partidário exibido em 14 de maio de 2010.

HISTÓRIA E CULTURAS

DOSSIÊ HISTÓRIA POLÍTICA E PODER LOCAL

A análise dos eventos que culminaram para a definição da candidatura de Dilma Rousseff, na eleição presidencial de 2010, evidenciam os mecanismos envolvidos no processo de produção de uma imagem pública. Em meio a acontecimentos de ordem política e pessoal vemos emergir os aspectos mais significativos que vão constituir as marcas da imagem veiculada pela candidata.

De mulher dura à mãe generosa, de guerrilheira à gestora técnica, entre tantas possibilidades, duas marcas se consolidam como centrais para a imagem pública de Dilma Rousseff e irão permear todo seu discurso político durante a disputa presidencial de 2010: 1) a herança simbólica, a única candidata apoiada por Lula para levar à frente o seu legado, e 2) a condição de gênero, a mulher que vivenciou a vida política e a gestão pública a partir de diversos lugares.

Outro aspecto relevante que a análise aqui apresentada nos traz refere-se à produção e projeção de lideranças políticas. Como pudemos observar, Dilma Rousseff não era uma liderança política expressiva, nunca tendo disputado nenhum cargo público eletivo. É sua atuação de liderança na gestão pública que vai sendo mobilizada, por Lula e pela equipe de marketing, como chão sob o qual se pode erguer a legitimidade e visibilidade necessárias para sua postulação ao cargo de presidenta. Esses aspectos são significativos para pensarmos sobre os esforços que se constituem, desde o iniciar de uma candidatura, para enfrentar acusações de falta de preparo e/ou inabilidade política que seriam constitutivos das candidaturas de “postes”.